

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo  
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo I Encontro Latino-  
Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**Do morro ao Condomínio: Um estudo sobre a mudança do padrão de consumo doméstico de famílias beneficiadas por apartamentos do PAC do Morro do Preventório**

**Shirley Alves Torquato<sup>1</sup>**

**Resumo**

Esta pesquisa representa o esforço de traduzir e interpretar algumas situações observadas durante o trabalho de campo realizado em dois conjuntos de prédios construídos pelo Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, no Morro do Preventório, localizado em Niterói, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Procurei observar como uma política pública habitacional, concebida pelo governo federal, foi recebida e vivenciada em termos pragmáticos, lógicos e dramáticos (Bateson) por aqueles a quem se destinava. Busquei através das narrativas dos moradores removidos de áreas de risco da favela para os apartamentos, identificar seus principais conflitos, decepções, ambiguidades, ansiedades, incertezas, alegrias, novas expectativas e projetos a respeito daquela que, segundo os termos nativos, representava uma “nova vida”. Ao mesmo tempo em que pude testemunhar suas alegrias e descobertas em relação as expectativas sobre os bens adquiridos para a nova habitação, identifiquei em seus discursos, críticas e decepções quanto ao programa, o que tornava-os nostálgicos de um tempo pretérito, vivido na favela, quase sempre representado como sem problemas e sem dívidas.

Palavras chave: Habitação, consumo doméstico, PAC, drama social, mudança de vida

**O campo empírico**

A pesquisa foi realizada entre 2010 e 2013 com ex-moradores da Favela do Preventório, que por morarem em áreas consideradas de risco de acidentes na parte alta do morro, foram contemplados com apartamentos construídos pelo Programa de Aceleração do Crescimento<sup>2</sup>. A metodologia consistiu em observar o cotidiano de

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia pelo PPGA- UFF. Durante a pesquisa foi bolsista Capes e posteriormente Capes-Cofecub, através da qual realizou estágio doutoral sanduiche na EHESS. École des Hautes Etudes. É membro do Núcleo de Estudos da Modernidade ( NEMO-UFF)

<sup>2</sup> As obras do PAC Morro do Preventório foram iniciadas em 2008 e os primeiros apartamentos foram entregues no segundo semestre de 2009. Ao todo foram construídos 238 apartamentos para abrigar famílias moradoras dessas áreas e 10 para abrigarem a internos do hospital psiquiátrico, localizado ao

algumas famílias e identificar como se deu a adequação delas às novas despesas impostas (tarifas de eletricidade, condomínio e novas necessidades de consumo) nos apartamentos. A pesquisa foi realizada depois da mudança propriamente dita. Os apartamentos possuem 45 metros quadrados divididos em dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Das 65 famílias que tive contato durante o campo, havia uma relativa heterogeneidade no que se refere a seus históricos de vida. A maioria relatou que vivia em casas com no máximo dois cômodos e com muitas carências estruturais; poucas afirmaram que suas casas na favela eram boas e espaçosas. Em ambos os casos, o espaço externo, como o quintal, sempre fora relatado como o que mais sentiam falta após a mudança.

A favela do Preventório, mais conhecida como Morro do Preventório, está localizada no final do bairro de Charitas, nos limites com o bairro de São Francisco e Jurujuba. A área é rodeada por resquícios da mata atlântica, com áreas de preservação ambiental e pela orla da Baía de Guanabara. Na extensão da rua principal existem prédios de luxo, restaurantes, hotéis e mais próximo à favela, algumas edificações públicas, como dois hospitais (um deles o importante Hospital Psiquiátrico de Jurujuba), o Corpo de Bombeiros e uma Delegacia de Polícia<sup>3</sup>. No sentido oposto, há uma área de preservação ambiental, onde algumas casas começaram a ser construídas (não só casas na extensão da favela, como também, mansões de luxo, um pouco mais afastadas). Em frente ao Preventório, na Praia de Charitas está localizada a estação hidroviária do Catamarã de Charitas<sup>4</sup>, que faz a travessia para o centro do Rio de Janeiro até a Estação Praça XV. Essa mesma praia é frequentada durante a semana e principalmente nos finais de semana, por banhistas que moram na localidade e em outros bairros.

As primeiras habitações construídas no Morro do Preventório datam do início do século XX, quando havia na localidade um Educandário e Hospital para meninas. Os familiares das internas para evitarem o deslocamento custoso e desgastante (para um local que devido ao difícil acesso, já foi chamado de Além mar), passaram a construir casas nas proximidades e se instalando aos poucos. Mais tarde foi atraindo migrantes de diferentes partes do interior do Rio de Janeiro. Atualmente o local tem em média 6 mil habitantes, configurando-se na favela mais populosa de Niterói, de acordo com o censo de 2010. A favela, no entanto, segundo os moradores teve sua calma transformada em

---

lado da favela. Durante o verão e o outono, é comum haver fortes chuvas e temporais na cidade, e devido a alagamentos, enchentes e deslizamentos de terras, famílias perdem seus pertences, suas casas e até mesmo vidas. No Preventório, essas histórias se repetem anualmente, por isso, ali as obras de contenção sempre foram necessárias e urgentes.

<sup>3</sup> Além de um depósito da Universidade Federal Fluminense e uma obra financiada pelo governo do Estado, em andamento na construção chamada Casa da Princesa, onde funcionará uma casa de repouso para idosos

<sup>4</sup> O Transporte marítimo que faz a travessia dos municípios de Niterói e Rio de Janeiro, no tempo aproximadamente de dez minutos, não tem os moradores do Preventório como sua principal clientela, uma vez que o valor da tarifa é considerado alto para os padrões populares

preocupação devido à implantação da UPP em favelas do Rio de Janeiro, que conseqüentemente atraiu traficantes para lá.

O bairro possui uma caracterização bucólica, devido à paisagem e a vegetação local e às praias de águas tranquilas. A distância do centro da cidade é de no máximo quinze minutos. Por conta de tantas qualidades, nos últimos anos vem passando por uma revalorização imobiliária, tendo sido considerado pela Associação das Empresas do Mercado imobiliário (Ademi Niterói) em 2013 o bairro com o metro quadrado mais valorizado de Niterói<sup>5</sup>. Nos últimos dez anos é possível ver no bairro um aumento de condomínios residenciais, modificando um pouco a identidade do local. A favela do Preventório não foi um empecilho para essa revalorização, ou ainda, foi escolhida para abrigar o primeiro PAC Habitação da cidade, que incluía a construção dos prédios, contenção de encostas, obras de saneamento básico e esgotamento sanitário.

### **Mudança de casa e “vida nova”**

Quando eu soube da transferência de moradores do morro para o PAC do Preventório, veio-me à mente que os dramas pelos quais alguns deles estavam prestes a viver, poderiam ilustrar, em pequena escala, algumas situações que se assemelhavam a muitas outras que estavam ocorrendo por toda a sociedade brasileira no momento atual em que o governo federal reedita um novo ciclo desenvolvimentista. O fato de me encontrar diante de uma "comunidade" que estava se deparando com mudanças cotidianas profundas, por conta de uma política de estado, através de um projeto de urbanização e de modernização, fez-me ficar sensível para aquela situação única que estava testemunhando, e que me permitiria pensar não somente em termos do tempo presente, mas em termos comparativos em relação a um tempo que já era percebido dramaticamente como sendo o “passado”.

Diante disso, uma vez que os moradores mostravam-se tão sensíveis à questão da mudança, ocorreu-me tomar suas histórias de vida, e segui-las no próprio cenário onde elas se desenrolavam em diferentes temporalidades que se inter-relacionavam a partir da paisagem natural e social. Passei a considerar a hipótese de que aquelas cenas, nas quais as pessoas dividiam suas vidas em duas partes, discorriam sobre a importância do passado e sobre a incerteza do futuro, e poderiam metaforizar algo que atingia a muitas outras diferentes regiões, estados e cidades que estão sendo objetos de políticas públicas semelhantes.

### **O perfil geral das famílias moradoras do PAC Preventório**

As famílias eram compostas majoritariamente de 1 a 5 membros (87,92%), com predominância daquelas compostas de até três pessoas (58,06%). Os chefes de família

---

<sup>5</sup> <http://www.ofluminense.com.br/editorias/habitacao/niteroi-cada-vez-mais-valorizada-no-setor-imobiliario>

são em sua maioria do sexo feminino (53%). As profissões mais comuns são as de empregada doméstica, porteiro, pedreiro, auxiliar de serviços gerais e comércio. Embora os moradores estejam em sua maioria inseridos no mercado de trabalho, o tipo de vinculação encontra-se diferenciado: de 89,06% que trabalham, 50% possuem uma vinculação no mercado formal; 35,89%, no mercado informal, e 12,89% são aposentados. 63,71% recebem na faixa salarial de 01 a 02 salários mínimos; 16,24%, com 03 salários; e acima de 04 salários mínimos, 8,28%. Os moradores com os quais conversei, em sua maioria exerciam ocupações e atividades profissionais instáveis, e possuíam renda predominante de até um salário mínimo<sup>6</sup>. Em poucos casos chegavam a dois salários mínimos. Eram, em sua maioria, beneficiários do Programa Bolsa família, e a consideravam um auxílio importante para custear a compra de alimentação para toda a família. Com alguns deles convivi mais, não devido apenas à afinidade ou empatia, mas também porque possuíam papéis estratégicos no campo de estudo.

Foram construídos três prédios que foram reconhecidos por: Preventório I, Preventório II e Preventório III. Minhas observações foram realizadas no Preventório I e no Preventório III.

O Preventório I é identificado como a grande “vitrine” do PAC, por estar localizado na avenida principal, avizinhandose de prédios de classe média alta, e da Estação do Catamarã. O Preventório III está localizado numa das principais entradas da favela do Preventório, e, estruturalmente, mais próximo do morro do que do asfalto, ao contrário do Preventório I.

Assistentes sociais da Companhia Estadual de Habitação- CEHAB-RJ, atuaram como colaboradores no processo de mudança dos moradores ao auxiliá-los nos procedimentos burocráticos durante a transição para os apartamentos, auxiliando-os nas questões administrativas, posturais, na elucidação das regras condominiais e na internalização da importância de determinadas obrigações, como o pagamento da taxa de manutenção do condomínio, lei do silêncio à partir das 22 horas, interdição das roupas estendidas nas janelas, dentre outras. O vencimento da taxa do condomínio acontece no dia dez de cada mês e deve ser efetuado diretamente na casa dos síndicos ou do tesoureiro, dependendo do bloco. Quando os atrasos chegam a dois meses, a cobrança é feita pelo síndico diretamente na casa do morador.

---

<sup>6</sup> Esses dados foram fornecidos pelo setor de Assistência social do PAC.

## **Os moradores do Preventório I**

Ainda que esteja situado em frente à praia, algo que configura valor simbólico, os moradores do Preventório I não sentem diferença em termos de status em relação ao Preventório II ou III. As diferenças que gostam de enfatizar são em relação à organização. “Aqui tudo é Morro do Preventório. Veio todo mundo do mesmo lugar, não tem diferença não. Mas eu prefiro o meu PAC, acho mais organizado. O pessoal lá do Preventório II, dos Bombeiros, eu acho muito abusado”. (Gisela, moradora do Preventório I)

## **Os moradores do Preventório III**

Os moradores do Preventório III estão localizados entre o morro e o asfalto. Aproveitam-se das facilidades da “baixada”, como: pegar táxi no dia em que fazem as compras, podendo “descer na porta”; possuem água na torneira e terem um banheiro com descarga, mas alguns deles acreditam ainda vivenciar o mesmo cenário de antes.

Entre os blocos existem algumas diferenças sutis. Os dois blocos administrados por Adriano, que são os primeiros, possuem uma carência maior de moradores em dia com o condomínio; nos administrados por Batista, há um equilíbrio maior nas contas, mas de vez em quando surgem problemas sérios, como com um dos apartamentos, que já funcionou como casa de prostituição.

Aqui o que mudou foi da porta pra dentro. Do lado de fora continuam as mesmas pessoas. A mesma favela de sempre. Eu acho até que tem umas coisas piores, porque antigamente não tinha vizinho mal educado na minha porta e criança sem limite fazendo algazarra. Antes, eu sabia que o vizinho de mais perto fazia uso de drogas, mas eu não via e nem escutava nada. Era longe. (moradora do Preventório I)

Os moradores mais idosos reclamam da falta de um espaço de lazer, tanto para as crianças quanto para os adultos, como por exemplo, um salão de festas com churrasqueira e outro, com brinquedos para as crianças, uma vez que agora não existe mais quintal ou outros espaços privados para confraternização.

De forma diferente, outro morador, conhecido como Sr. Flamengo, relata que, com a “mudança”, o que mais lhe agradou foi o fato de: “poder chegar da rua e ter um banheiro decente em casa, onde eu posso abrir a torneira e sair água, dar descarga no vaso e tomar meu banho quente”.

## **Acomodação e conflito com a mudança de vida**

Simone tem 38 anos e é empregada doméstica. Separada, ela mora com dois filhos adolescentes (15 anos e 18 anos) no Preventório III. O anúncio da demolição de sua casa a pegou de surpresa, mas reacendeu-lhe a esperança de uma “vida melhor”. Segundo seus relatos, só acreditou mesmo que mudaria para o apartamento quando as obras começaram. A partir de então, iniciou o planejamento do que precisaria para a mudança. Neste ínterim, começou a comprar novos eletrodomésticos e novas mobílias.

Com certo sacrifício, economizou mês a mês para realizar as compras para a casa nova. Dentre estas aquisições constam: um jogo de sofá de dois e três lugares; móveis de quarto para ela e para os filhos; mesa e quatro cadeiras em madeira; máquina de lavar, fogão e geladeira. “Ficou faltando comprar uma estante nova e uma televisão melhor”, mas, de acordo com seus cálculos, isso seria concretizado após o término do pagamento da mobília de quarto que comprou para a filha. “Não comprei antes essas coisas porque as coisas novas não mereciam a casa velha. Era muita poeira. Não tinha piso. Eu fui comprando as coisas aos poucos e deixando na casa da minha irmã, na casa da minha tia.”

No caso de Simone, a percepção positiva sobre a mudança de endereço estava associada ao conforto e às possibilidades de ter uma “casa arrumadinha”, através da aquisição de novos bens. Assim, como outras moradoras com as quais conversei, se orgulha e conta detalhadamente o processo de aquisição de cada bem para sua nova casa, desde a concepção da ideia de compra até o sentimento de satisfação em ter a última prestação paga. Sentada orgulhosa num imponente sofá vermelho que comprou em cinco parcelas nas *Casas Bahia*, ela contou-me a trajetória dos bens adquiridos relacionando-os espontaneamente com o advento de uma “nova vida”.

Eu não trouxe nada da casa antiga. Não tinha como trazer. As coisas velhas não mereciam a casa nova. Aqui é vida nova. Comprei tudo: guarda roupa, cama, geladeira, sofá, fogão. Tem outro armário que vai chegar ainda. Não comprei quando morava lá em cima porque as coisas novas não mereciam a casa velha. Era muita poeira. O chão era de cimento.

A sua frase exemplar, “a casa pede coisas novas”, é importante para pensarmos a construção do senso comum no que se refere à vida e ao simbolismo das coisas em função do espaço onde se vai habitar. Com esta colocação, podemos identificar que,

assim como seus habitantes, a casa também possui uma "vida". Vida esta que é construída pelos seus donos, através dos mais variados tipos de investimentos que fazem, desde a aquisição de nova mobília e disposições da mesma até a aquisição de bens decorativos e sua localização espacial.

De acordo com Miller (2002), a relação do ato de comprar com o sacrifício refere-se àquela situação em que tudo que estava concentrado na acumulação de recursos está prestes a se transformar, no momento em que esses mesmos recursos serão gastos. Portanto, apesar das possíveis renúncias de conforto num determinado momento, a concretização das compras fará valer à pena todo o período.

Mesmo passando a pagar tarifas de serviços (água, eletricidade e condomínio), que até então não existiam na favela, Simone considera que a cobrança seja justa, pois acredita que o pagamento é “uma forma de ter o direito para reclamar quando o serviço não estiver agradando. Lá a gente não pagava, mas às vezes a gente ficava sem água e sem luz, e não tinha como reclamar”. O sacrifício em realizar o pagamento é percebido como uma forma de honra (aquisição de honra).

Sr. *Crisântemo* tem 55 anos e mora sozinho. É solteiro, não tem filhos e é ascensorista desempregado. Seu apartamento é bem equipado, arrumado e com odor de limpeza. Na sala tem uma televisão de vinte polegadas, um aparelho de DVD, e ao lado, um aparelho de som sobre um rack em madeira compensada. Na cozinha, há um forno de micro-ondas e uma geladeira novos. As panelas são de aço inoxidável e com tampas de vidro. Após mostrar a sala, seu *Crisântemo* me apresenta também o seu quarto: nele há uma cama box de casal (em madeira compensada), um armário em madeira bem antigo, que ganhou já usado da amiga de sua “madrinha”, e uma geladeira antiga, que não funciona, e que ele faz de armário. No banheiro fica a máquina de lavar, também nova. Tudo foi ganho de pessoas próximas ou de uma rede de conhecidos.

*Crisântemo* justificou que, no barraco em que vivia na favela, não havia “necessidade” das coisas que ganhou. “As pessoas me deram as coisas sem eu pedir, mas também se eu fosse colocar isso tudo lá em cima, eu ia ter que dormir do lado de fora porque não tinha espaço! Antes a minha casa era menor do que o meu atual banheiro”.

Eu ganhei de um lado e perdi de outro. Agora eu gasto muito com comida; antes eu não gastava porque eu ia à igreja e eles me davam. Agora, você acha

que eu morando num apartamento, eles vão querer me dar? Vou sair daqui e ir à igreja pra fazer o que? A situação agora é outra. Eu fico com vergonha. As pessoas sabem que eu ganhei o apartamento, então não é a mesma coisa. Tem um rapaz que mora aqui no Morro e trabalha num açougue. Todo domingo o patrão dele me dava um frango. Depois que eu vim morar aqui. Nunca mais ele deu. Ele disse que eu não precisava mais. Que eu não era mais pobre. A partir daí me deu essa vergonha de receber doações da igreja.

Segundo Simmel, a representação do pobre está ligada à necessidade de assistência do Estado ou de entidades filantrópicas. Para Crisântemo e seu antigo benfeitor, o tipo de moradia, mais do que o valor dos rendimentos mensais, é a condição mais representativa de classe social e pobreza. Quando morava num barraco na favela, era visto como alguém necessitado de ajuda. Agora, como morador de apartamento, passou a ser visto como alguém que não precisa mais dela. Em termos objetivos, ele tem mais despesas atualmente, logo, possui mais dificuldades do que antes para honrá-las. Passou a ser visto como “caloteiro” pela tesoureira do seu prédio, que insiste que ele poderia encontrar formas de pagar o condomínio. Sua vida privada passou a ser controlada de forma mais sistemática. Antes, vivia no anonimato e era digno de pena. Atualmente é visto como um cidadão como outro qualquer, que precisa honrar os compromissos e as contas, mas como não consegue, é um inadimplente e irresponsável. Os paradoxos em que vive refletem o custo que precisa arcar para ter uma vida confortável.

Em *Les pauvres*, Simmel sustenta que os pobres, como categoria social, não são aqueles que sofrem carências ou privações específicas, mas os que recebem assistência, ou que deveriam recebê-la, segundo as normas sociais. Por conseguinte, a pobreza não pode ser definida como um estado quantitativo em si mesma (1998, p.96-97).

Para Simmel, é a assistência que alguém recebe publicamente da coletividade que determina a sua condição sociocultural de “ser pobre”. A condição de “ser assistido”, portanto, constitui a marca identitária da condição do “pobre”, e o critério de seu pertencimento a uma camada específica da sociedade, inevitavelmente desvalorizada. Tal condição, no entanto, significa receber da sociedade, ou seja, dos “outros”, sem poder definir-se através de uma relação de complementaridade e de reciprocidade frente aos demais, em condições de igualdade.

### **Dramas e conflitos na ambientação**



Todos moradores com os quais conversei, apresentaram em seus relatos muito estranhamento, principalmente nos primeiros meses após a mudança para os apartamentos. Os motivos eram principalmente a inadequação com os novos regimes de proximidade (vizinhos), com o tamanho do apartamento e as novas contas a pagar.

Apesar de ressaltarem aspectos positivos, há um forte sentimento de que foram manipulados pelo poder público, pelo fato de não terem tido a possibilidade de escolher permanecer no morro, ou ainda, de terem sido jogados em um universo diferente do de costume. Um dos síndicos do Preventório III sustenta que praticamente 50% dos apartamentos dos blocos que administra estão em inadimplência com as taxas do condomínio, o que atrasou o pagamento da água e da luz, resultando no corte dos serviços. Outras reclamações, como a conduta moral de moradores (envolvimentos com tráfico de drogas, prostituição, brigas), e principalmente barulho em excesso, são também compartilhadas por todos os síndicos.

Por parte dos demais moradores, alguns protestos também se conjugam. Viviane, Aline, Adriano e José, por exemplo, enfatizam a baixa qualidade do material utilizado na construção dos prédios, uma vez que, um ano após a mudança, já começaram a aparecer sinais de rachaduras e entupimento dos canos de água e esgoto.

Um dos moradores, no entanto se justifica, após elencar as dificuldades, afirmando que estas não anulam as benesses adquiridas com a mudança:

É indiscutível que morar no apartamento é melhor e mais confortável, mas aqui temos mais coisas para nos preocuparmos, pois agora não depende só de nós mesmos para que as coisas fiquem no lugar. É preciso conscientizar os demais moradores. E a conscientização é a parte mais difícil. Eu não quero que, com isso, as pessoas achem que eu faço coro com os moradores que dizem que lá em cima era melhor. É claro que não é.

Outra moradora no entanto desabafa:

Isso aqui é uma favela em forma de apartamento. Isso aqui vai cair um dia e todo mundo vai morrer. Você já viu a quantidade de rachaduras que já tem em tão pouco tempo? O meu barraco lá em cima era pobre, mas era ruim de cair. Às vezes, tenho a impressão que eles jogaram a gente num precipício. Só porque a gente é pobre, acham que a gente não sabe avaliar o que é bom.

## **A mudança entre o "drama social" e a "acomodação"**

Dadas as tonalidades emocionais que a categoria "remoção" possui, e muito embora todos os moradores com quem conversei tivessem feito críticas às formas pelas quais foram convencidos a deixarem suas antigas moradias, em nenhum momento houve relatos de resistência ou manifestações de repúdio por parte deles, ou mesmo de ações de violência policial, abusos de autoridade e humilhação pública do poder público sobre eles. De acordo com a percepção dos moradores, a principal queixa a ser feita à Prefeitura e aos demais gestores do PAC, aplica-se às explicações consideradas insatisfatórias, fornecidas pelos engenheiros e assistentes sociais para justificarem a situação de risco, alegada como sendo a razão principal para a necessária retirada daqueles de suas antigas casas (esta discussão será discutida com mais vagar no nexó dramático).

Em todos os momentos em que estive com elas, fosse visitando suas casas ou mesmo conversando com essas pessoas, elas próprias preferiam usar uma outra categoria para se referirem ao que estava acontecendo em suas vidas. A categoria nativa, ou seja, a expressão que usaram o tempo todo comigo, foi a categoria "mudança", para se referir não apenas à mudança do morro para o apartamento, mas também à mudança de vida. Ela apareceu em todas as entrevistas, sendo também recorrente em todas as conversas durante o trabalho de campo.

Procurei destacar o caráter dramático e de ambiguidade de que esta mudança se revestiu para os moradores, pois ao mesmo tempo em que viram seu mundo, ou seu modo de vida habitual, desaparecer de forma súbita e arbitrária, nem por isso, eles abdicaram ou desistiram de se engajar nas formas e nos regimes de engajamento que a nova moradia e, conseqüentemente, a nova vida exigia. Assim, se não houve resistência para sair da casa antiga, por mais apegados que fossem a elas, não houve também uma resistência para entrarem na nova casa. Ao contrário, o processo de instalação contou com o engajamento deles em todos os aspectos: pragmático, lógico e emocional. É fato que muitas coisas incomodavam na mudança, desde os apartamentos em si, os deveres burocráticos, as novas contas a pagar, o controle e a regulação do espaço comum e aquele que os moradores consideravam importante em suas casas antigas, definido como "liberdade" e "privacidade", da mesma forma que reafirmavam a saudade do terreiro ou quintal.

A despeito de esses moradores criticarem veementemente o caráter impositivo da mudança, percebi que todos eles estavam bastante envolvidos com ela e às voltas

com questões práticas e objetivas, lógicas e emocionais, exatamente pelo fato de estarem engajados nas ações que diziam respeito à aquisição de familiaridade com ela, em suma, de organização da nova casa. O fato é que, embora as críticas ao processo de mudança existissem, elas acabavam dizendo muito mais respeito aos modos de engajamentos em jogo, isto é, o que eles estavam efetivamente fazendo na tentativa de se apossarem e se "acomodarem" (THÉVENOT, 1994; MILLER, 2013) efetivamente àquele espaço - e não descartá-lo. A "casa" não era tratada como um mero espaço, mas um ator importante de todo aquele processo.

Busquei inspiração na teoria do ritual, de Victor Turner, especialmente a noção de drama social, na qual ele destaca o papel da fofoca, do mexerico e do boato como formas de acusação, controle e administração do conflito entre pessoas que compartilham valores e interesses iguais, além de se identificarem como semelhantes na forma como são reconhecidos uns pelos outros, em relação às condições de ex-moradores de uma favela, e no modo pelo qual foram retirados de lá para passarem a morar nos apartamentos. Outros dois autores importantes foram Daniel Miller (2013) e Laurent Thévenot (1994), em relação ao conceito de "acomodação" que ambos utilizam para falarem dos regimes de familiaridade promovidos entre humanos e coisas. Em que pese a distância entre um trabalho e outro, eles confirmam a ideia que me acompanhou durante todo o trabalho campo, qual seja, a de que os usos dos objetos não se prendem apenas às necessidades socialmente justificadas ou não, muito menos somente aos simbolismos deles, mas sobretudo, porque o uso de objetos e de coisas objetificam o engajamento, no caso, com a mudança. O toque final ficou por conta de Goffman e seu conceito de *encaixe*. Não é suficiente usar as coisas, ou mesmo objetificar os engajamentos e familiaridades através delas, mas é preciso fazê-lo de forma "encaixada", na forma de um arranjo estético que seja ao mesmo tempo reconhecido pelos "outros", especialmente os agentes sociais promotores da mudança, como resposta ao desafio imposto às pessoas.

Algumas passagens do Naven, descritas por Bateson, nas quais ele relata a performance exagerada como parte do ritual de passagem. Embora fossem situações distintas, achei que poderia aproveitar o esquema utilizado pelo pesquisador, para descrever a cultura Iatmul, a partir de três perspectivas distintas, porém totalmente complementares, a fim de seguir em frente em minha descrição e compreensão de como meus interlocutores efetuaram a "passagem", ou a "mudança", da favela para os

apartamentos: 1) a "perspectiva pragmática", no que diz respeito a todas as formas de ação que produzemo engajamento e, conseqüentemente, promovem o regime de familiaridade quanto à ocupação e à posse de fato da nova moradia; 2) a "perspectiva lógica", no que diz respeito aos sistemas classificatórios, às categorias e representações mobilizadas, que emergindo desse engajamento com o novo espaço e as novas coisas, passaram a orientar suas ações de organização, ocupação e posse do espaço: que tipo de representações e classificações passaram a operar na nova condição de moradores de apartamentos? 3) Finalmente, a "perspectiva dramática" (ou o ethos), no que diz respeito às emoções, sentimentos, sistemas de atitudes, muitas vezes contraditórios, com as quais esses interlocutores passaram a ter de conviver a partir de então. De que modo o "antes", muitas vezes evocado de forma idealizada ou nostálgica, era usado, ora para se contrapor ao "presente", desvalorizando-o pelas dificuldades e obstáculos que apresentava, ora trazido à tona justamente para enaltecer este presente, particularmente o sucesso obtido ao se verem dentro de uma "casa toda arrumadinha".

Entretanto, antes de desenvolver o esquema tal como pareceu apropriado ao meu material de campo, é preciso reafirmar que a "mudança", enquanto categoria nativa, foi entendida, para efeitos deste trabalho, como um "drama social", na acepção defendida por Victor Turner, e foi a partir desta compreensão que estabeleci as relações com o esquema de Bateson.

Turner (1980) considera o "drama social" a base social de muitos tipos de "narrativas". Nesses termos, podemos inferir que a mudança de endereço do Morro para os apartamentos no Preventório suscitou emoções e ações inevitáveis, porém de maneiras diferenciadas. O autor sustenta ainda que, independente do local ou situação em que ocorra, o drama social se manifesta inicialmente como:

A mudança representava muitos desafios e riscos, por essa razão, era pretexto para a expressão obrigatória de muitas emoções e sentimentos. Embora eu fosse desconhecida de todos, a situação, por ser dramática (no sentido antropológico do termo), despertava o desejo de todos falarem a respeito do que estava ocorrendo com alguém que se mostrasse disponível para escutá-los. A ansiedade e as expectativas eram tantas que as entrevistas se tornaram um meio de construir uma relação de confiança com eles, uma forma que eles encontraram de verbalizar algo sobre coisas e situações que não haviam experimentado, e lhes pareciam novas e surpreendentes. Exatamente por ser identificada como uma pessoa de fora, eles se sentiam mais à vontade em falar

comigo sobre alguns assuntos. É a partir deste "lugar" intermediário de uma *outsider* confiável que passo, então, a relatar e a discutir o que considere ser o principal foco de minhas análises neste item, qual seja, o processo de instalação física e material desses moradores que deixaram suas antigas moradias no morro do Preventório para irem morar nas novas moradias no PAC do Preventório.

### **"Uma casa toda arrumadinha" - o que isto quer dizer?**

A mudança para o apartamento implicou gastos, desde a preparação do novo ambiente para receber os bens, até o transporte deles, ou mesmo, pela aquisição de novos bens domésticos. Muitas famílias decididamente não levaram para os apartamentos nenhum bem doméstico utilizado na moradia do morro. Este fato é de suma importância, porque foi uma decisão delas de não levarem nada, da mesma forma que esta decisão aponta para uma aceitação positiva da mudança como uma espécie de jogo e desafio. Foi diante dessa evidência que passei a valorizar como foco de minha atenção as ações propriamente ditas de engajamento e posse quanto à apropriação daquele novo espaço de moradia, e nem tanto suas representações - positivas ou negativas - sobre a moradia anterior.

Simone, por exemplo, foi uma das pessoas que desde cedo criou expectativas positivas em relação à mudança. Por conta disso, negou-se a levar as mobílias e os objetos antigos para o apartamento novo. Para ela, a casa nova representava de fato uma "vida nova", logo, ela exigia ser iniciada com mobílias e eletrodomésticos novos. "Lá [no morro] o chão era de cimento. Iria estragar as coisas novas e não combinaria com a casa. Eu estou vivendo uma vida nova e muito melhor. Quem diz o contrário disso, ou seja, que antes era melhor, sinceramente, só pode ser porque não gosta de pagar as contas que agora a gente tem que pagar".

Segundo Crisântemo e Cláudia, a mudança para o apartamento, em termos operacionais, não foi problemática porque possuíam "poucas coisas" na casa do morro para serem levadas para o apartamento. Cláudia comentou que, quando foi para o apartamento, percebeu que não tinha "quase nada em sua casa": "Eu não tinha sofá por exemplo. Nunca tive. Não tinha estante. A geladeira que eu tinha era velha, mas não trouxe porque meu filho disse que compraria uma pra mim, quando a gente se mudasse. Essas coisas é que pesam mais numa mudança, não é? No dia da mudança foi tranquilo por isso, tinha pouco peso pra trazer aqui pra baixo."

Sobre a necessidade imposta para a mudança, a moradora alterna falas que revelam indiferença com outras que revelam o sentimento de injustiça:

O negócio é o seguinte: não pedi pra vir pra cá. “Eles” é que disseram que eu tinha que vir. Tá certo que tem mais conforto aqui: eu nunca tive um quarto só pra mim, por exemplo. Mas eu tinha privacidade lá em cima e não tinha ninguém correndo atrás de mim, falando desaforo pra mim e me obrigando a pagar contas sem eu ter condições para isso. Eu sei que tenho que pagar as coisas, mas estou passando por um momento difícil. Só isso.

Crisântemo, por outro lado, afirmava que amigos, sem que ele soubesse, organizaram compras e doações de mobiliários e eletroeletrônicos, para que ele pudesse levar para a casa nova. “Eu praticamente mudei só com a minha roupa do corpo. Não valia a pena trazer nada lá de cima. Tinham coisas muito velhas, que eu acho, que se eu desmontasse, não conseguiria montar de novo. O dia da mudança foi um dia feliz, pois eu pude começar a imaginar que eu poderia ter uma vida melhor.” Viviane revelou a angústia vivida no dia em que começou a mudança, pois ficou com “pena” de deixar a casa em que morou por dez anos. Além do fator afetivo, a moradora mencionou que tinha um terreno espaçoso e uma caixa d’água de dez mil litros.

Com aquela caixa d’água, nunca me faltava água. Eu podia lavar qualquer quantidade de roupa que você possa imaginar. Sem contar o espaço para secagem das roupas, que também era enorme. Quando eu cheguei aqui e vi o tamanho da área de serviço para lavar e estender roupa, eu quase chorei.

Aline também teve dificuldades para aceitar a mudança, principalmente porque sabia que a vida seria mais cara e, portanto, “difícil” de mantê-la. Da casa antiga levou o fogão e as roupas dela e dos filhos. “Eu não tinha muita coisa pra levar para o apartamento, pois a minha casa na favela era pequena e não cabia muita coisa mesmo.”

Foi triste sair lá de cima porque não foi fácil construir aquele barraco. Gastei dinheiro, suei pra comprar material e levantar nas costas lá pra cima. Isso mexe com o nosso sentimento porque a casa acaba sendo um pedaço da gente também. Eu tinha só o necessário pra dentro de casa. Aqui eu tenho que mobiliar a casa, mas com que dinheiro?

Há, implicitamente, no discurso de Aline e dos demais, a ideia de que a vinda para o apartamento implicava em gastos, pois não só novas despesas seriam incorporadas mensalmente, quanto haveria também a “necessidade” de mobiliar o apartamento. Fica evidente em todos os trechos transcritos que "ocupar" o novo espaço

não dizia respeito à ida apenas das pessoas que passariam a viver nele, mas que era necessário preenchê-lo com novos objetos. Este preenchimento era quase que uma "obrigação" no sentido religioso e simbólico do termo, uma espécie de "sacrifício" necessário de modo a se garantir uma acomodação benéfica, bons augúrios e boas-vindas.

A mudança não implicou somente a mudança de endereço, entendida como a transferência das pessoas e dos antigos bens do morro para o apartamento. Ocupar aquele espaço implicou também a adoção de novos sistemas e critérios classificatórios, no que diz respeito às categorias-chaves que deveriam organizar o novo espaço de moradia. A mudança exigiu também a adoção de novos hábitos, atitudes e etiquetas em relação aos usos dos espaços comuns, relações com vizinhos etc; sendo assim, novos objetos foram considerados necessários, senão essenciais para concretizarem e marcarem esta importante passagem. Neste sentido, a mudança exigiu também uma nova relação com o dinheiro, o que acarretou a incorporação de uma lógica monetária e contábil bem distinta da anterior, e que passou a incluir novos itens de despesa, gastos e hábitos de consumo que, por sua vez, passaram a ser determinantes nas concepções de conforto dos moradores. É verdade que tudo isso revelou-se um processo bastante dramático e permeado por contradições, isto é, carregado de ambiguidades, rejeições, críticas, mas também de muitas expectativas e novos desejos.

Neste aspecto, a questão da estética é particularmente emblemática. Ela foi um dado importante para que eu não me deixasse cair na perspectiva simplista de que, pelo fato de criticarem as arbitrariedades do poder público, os moradores não desejassem de forma alguma a mudança. Assim, o que mais me surpreendeu, durante todo o meu trabalho de campo, foi a rapidez com que eles aderiram aos padrões de conforto e de estética burgueses, demonstrando uma grande familiaridade com ambas. De acordo com a perspectiva por Thévenot (1994), "as coisas já estavam nas pessoas", portanto, havia toda uma dinâmica da familiaridade em jogo com os objetos, embora implícita, já que nas antigas moradias essas coisas não existiam porque, como muitos deles disseram, as casas como tais "não pediam", ou nos termos de Goffman (2010), não se "encaixavam". Os apartamentos montados e arrumados (acomodação e encaixe), como se pode ver nas fotografias não deixaram dúvidas quanto a isso.

Não está em questão neste momento, e, principalmente, neste trabalho, se este evento constitui um fato positivo ou negativo, em suma, se é algo moralmente condenável ou não. O fato é que, postos diante de um "desafio", através de um programa de governo que impôs a mudança, os moradores responderam afirmativamente à altura, e de modo competente, não deixando dúvidas de que já haviam assimilado, mesmo enquanto moradores de casas consideradas precárias e em situação de risco, as representações e os valores de moradia burgueses.

Sem dúvida, conforto e senso estético foram dois valores nos quais estas pessoas demonstraram mais competências, se comparadas àquelas outras em relação às contas e às noções de despesa, o que me levou a acreditar que "o gosto" se tratava de algo que já estava incorporado, mesmo que imaginariamente. Isso ficou patente no modo rápido e eficiente com que se dedicaram não apenas a adquirir os bens considerados necessários, essenciais, mas, sobretudo em arranjá-los no espaço, segundo os critérios estabelecidos pelos padrões estéticos das camadas médias, logo após a mudança para os apartamentos. O mesmo não pode ser dito em relação às rotinas de pagamentos de contas e despesas como condomínio, luz e água. Aqui, as dificuldades e dissabores eram muitos, e era por conta deles que traziam à tona suas críticas, o descontentamento que experimentavam contra o programa de governo. Neste momento, também, apareciam algumas contradições desse processo, tais como o não entendimento de que a compra e o uso de eletrodomésticos acarretavam o aumento de consumo de energia elétrica. Uma vez que o acesso à energia elétrica não era mais "clandestina" nos apartamentos, os efeitos disso aparecia no aumento das contas de energia elétrica.

Minha percepção é que os moradores não ignoravam de forma alguma a existência de outros *habitus*, mesmo não sendo nativos em relação a eles, mas que o fato de estarem imersos numa sociedade na qual a publicidade e a propaganda constituem a base da cultura de massas (veja-se a tevê aberta, que se encontra presente em 95,7% dos domicílios brasileiros, de acordo com o IBGE) os fazia terem familiaridade, compartilhar muitos valores e hábitos de consumo das chamadas camadas médias urbanas, mesmo que não tivessem a posse concreta dos objetos. Além disso, como muitos moradores eram mulheres e, neste caso, trabalhadoras domésticas, os *habitus* dos patrões tornavam-se referências importantes para elas como modelos a serem seguidos. Neste caso, os *habitus* dos patrões, se não são exatamente adquiridos ou assimilados, podem ser de certa forma compartilhados e mimetizados em relação a



certas práticas de consumo, tais como certos hábitos alimentares, modos de preparação da comida, modos de organização da casa, disposições dos objetos, hábitos de higiene, e mesmo, alguns padrões estéticos.

Mas havia também outras questões de ordem simbólica. Para muitas pessoas, a casa velha não comportaria, ou "combinaria" com certos tipos de bens, ou mesmo novos bens, pois eram percebidos como pertencentes a universos classificatórios distintos. Esta questão ficou evidente quando, conversando comigo, Cláudia sorriu, enquanto comentava o fato de que "nunca pensou em ter um sofá" em sua casa na favela, porque "não havia onde colocá-lo e porque nunca recebia visitas". Este fato, no entanto, não a impediu de declarar que também se sentia em conformidade e bem acomodada com seus filhos na antiga casa que, segundo ela, possuía dois cômodos, além do banheiro, todos "no tijolo". De móveis, possuía só as camas e alguns bancos, e de eletrodomésticos, só a geladeira e o fogão, sendo todos trocados para a mudança.

Assim, ter uma "casa toda arrumadinha", segundo pude constatar ao longo de minhas observações, significava ter uma casa arrumada de forma conveniente, na qual os objetos correspondessem aos cômodos, ou às divisões internas com funções específicas (quarto, sala, cozinha e banheiro), e "pronta", sem marcas de obras por fazer – com pintura externa e interna; com "banheiro decente" – ou seja, água encanada nas torneiras e chuveiro, e com piso frio em toda a extensão da casa. Nesses termos, é relevante lembrar que os moradores com os quais mais conversei disseram que viviam em casas com piso de cimento, de "terra batida" ou "chão", e não tinham chuveiro com água quente. Apenas poucos tinham água na torneira com maior regularidade.

Em algumas residências, como a de Sônia, não houve a substituição de mobiliários e eletrodomésticos com a mudança. Ela alegou que, apesar de querer comprar armários de quarto e sala, não teve condições de adquirir muitas coisas, pois estava "enrolada com algumas dívidas". Entretanto, apesar de não ter comprado novos móveis, pude constatar que ela havia dado um toque pessoal na "arrumação" da casa. Sônia pintou as paredes da sala de rosa-choque, sendo que num lado ela colou decalques de flores e jardins, e ao lado, fotografias de dois dos três filhos (de 12 e 16 anos) e da neta (14 anos).

No caso de Denise, as "ausências" de certos objetos que, segundo ela, estavam faltando, foram declaradamente compensadas pela adoção de uma forma de

organização, ou arrumação, ao mesmo tempo pragmático e estético. Chamou-me a atenção quando, ao entrar no quarto de seus filhos, inicialmente não reparei que além da bi-cama e de uma outra cama de solteiro, só havia um pequeno criado-mudo sobre o qual foram colocados algumas bonecas e bichos de pelúcia. Grandes caixas de papelão eram utilizadas para guardar as roupas dos três filhos, mas a moradora procurou compensar "a falta de mobília", como ela mesma se referiu, no caso, à ausência do armário, com a decoração de ursinhos e motivos infantis nas paredes e na porta. O resultado estético foi tão positivo que, confesso, ao entrar no quarto nem percebi a ausência do armário.

Segundo Bourdieu(2008), nada é tão imperativo quanto o campo de estrutura de relações objetivas que distingue a disposição exigida pelo consumo legítimo das diferentes classes. O gosto, ou as preferências manifestadas através das práticas de consumo é, então, o produto dos condicionamentos associados a uma classe ou fração de classe. Tais preferências têm o poder de unir todos aqueles que são o produto de condições objetivas parecidas, distinguindo-os, todavia, de todos aqueles que, estando fora do campo socialmente instituído das semelhanças, propagam diferenças inevitáveis.

Eunice Durham defende que novos padrões de consumo são vivenciados pela população mais pobre como redefinidores de uma “melhora de vida”. “Tal percepção situa-se amplamente dentro da perspectiva de vida dos moradores da periferia urbana, cuja existência é motivada por esse projeto de melhorar de vida, que envolve o grupo familiar em seu conjunto”.

### **Considerações finais**

A aquisição de bens, da mesma forma que a arrumação, a disposição estética, isto é, a organização da casa, levou à prática de novos rituais domésticos. Longe de aparecerem como "trabalho" ou "obrigação", os rituais domésticos, ou seja, manter "a casa arrumadinha", limpa e cheirosa tornou-se o sinal de uma conquista importante. Nesta direção, e ainda dentro da perspectiva pragmática, alguns bens tornaram-se emblemáticos, adquirindo, assim, uma importância a mais no sentido de serem utilizados como um marco na celebração dessa mudança de casa, de vida e de condição social.

Seja como for, a representação da fartura como um valor moral, também relacionada à honra, ambas expressas na forma da dádiva e do *potlach* (comensalidade), estava sempre presente em todas as cozinhas que visitei, e era ela que norteava e orientava a arrumação daquele cômodo. Não por acaso, as vedetes, os objetos astros da cozinha eram a geladeira nova, grande, imponente, bem como os armários repletos de compras, panelas e utensílios utilizados na preparação das comidas. De acordo com os moradores, a prioridade de compras sempre esteve relacionada à alimentação, mesmo quando eram moradores da favela. Sempre foi a fonte de maior despesa, segundo todos os moradores com os quais conversei. Aliás, segundo alguns deles, como Aline, Denise e Simone, antes da mudança de casa, esta seria praticamente a única preocupação em termos de despesas. Agora existiam outras, tais como os pagamentos das prestações, a conta da luz e a taxa de condomínio, sendo estas últimas relacionadas diretamente à mudança. Como veremos nos demais itens deste capítulo, estas novas despesas, consideradas obrigatórias e necessárias, estavam na base de todos os conflitos e dramas daquelas pessoas, donde a busca pela "acomodação" (THÉVENOT, 2003, MILLER, 2012) ao novo estilo de vida constituir-se em uma demanda recorrente em todos os momentos de crise. A isso, é possível juntar também a preocupação estética com a casa e a organização doméstica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, Gregory. *Naven : um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

BOLTANSKI Luc, THEVENOT Laurent. **De la justification**. Les économies de la Laurent. De la justification. Les économies de la grandeur, Paris, Gallimard, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. A crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DURHAN, E. R. **A pesquisa antropológica com populações urbanas**: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. (org.). *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 17-38.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo : Edusp. 1974 [1923-24]. MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno, SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos . **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro, IBAM, 1981.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes, 2010

GOMES, Laura. "Madame Bovary ou o consumo moderno como drama social". In: BARBOSA, Livia & CAMPBELL, Colin (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez. 2003.

SEGALEN, Martine; LE WITA, Béatrix. "Le vertus de l'intérieur" In: SEGALEN, Martine; LE WITA, Béatrix. **Chez soi - objets et decors: des créations familiales?** Éditions Autrement, Série Mutations, n. 137. Paris, 1993. (editorial)

SIMMEL, G. **Les pauvres**. Paris: Presses Universitaires de France, [1907] 1998.

SLATER, D. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo; Nobel, 2001.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF. 2008

THÉVENOT, Laurent. Le régime de familiarité. Des choses en personne. In: **Genèses**, 17, 1994. Les objets et les choses. pp. 72-101. Disponível em : <http://www.youscribe.com/catalogue/presse-et-revues/savoirs/religions/le-regime-de-familiarite-des-choses-en-personne-article-n-1-972611> . Acesso em 15/08/2013.

TORQUATO, Shirley Alves. **Casa nova, vida nova**: Consumo, despesas e orçamento doméstico entre moradores do PAC do Morro do Preventório. Niterói, Universidade Federal Fluminense. Tese de doutorado, 2013.